

KATE SUMMERSCALE

# O RAPAZ PERVERSO

O Mistério de Uma Criança Assassina  
da Época Vitoriana

Tradução de  
VASCO TELES DE MENEZES



BERTRAND EDITORA  
Lisboa 2017

## CAPÍTULO UM

### NÓS OS TRÊS

Ao início da manhã de segunda-feira 8 de julho de 1895, Robert e Nathaniel Coombes vestiram-se, foram buscar o livro de rendas a uma das divisões do rés do chão e saíram para o quintal das traseiras. Pouco passava das seis da manhã e o dia já estava luminoso e quente<sup>1</sup>.

Robert tinha treze anos e Nattie, doze. O pai fora para o mar na sexta-feira, como camareiro-chefe de um navio a vapor com destino a Nova Iorque, deixando os irmãos em casa com a mãe, Emily. Viviam numa pequena casa geminada, nova e de tijolos amarelos, no número 35 da Cave Road, em Plaistow, um bairro pobre mas respeitável de classe operária de West Ham, a maior freguesia da zona portuária de East London.

Para tentar atrair a atenção do vizinho do número 37, Robert pegou numa mão-cheia de pedras e atirou-as ao telhado da lavandaria da casa do lado.

Às seis e quinze, James Robertson ouviu o barulho das pedras a baterem na lavandaria e saiu de casa. O senhor Robertson viu os dois rapazes no quintal: Robert, de cabelo escuro, olhos azuis, sobrancelhas grossas e pele bronzeada, e Nattie, mais pálido e mais pequeno. Tinham-os por rapazes inteligentes. Robert mostrou-lhe um soberano, que valia 20 xelins (ou 1 libra), e perguntou ao senhor Robertson se lho poderia trocar. O senhor Robertson respondeu-lhe que não tinha prata, mas disponibilizou-se para trocar a moeda por dois meios soberanos. Foi buscar as duas moedas de ouro a casa. A seguir, Robert perguntou-lhe

se lhes poderia pagar a renda<sup>2</sup> do número 35 da Cave Road, já que, nessa manhã, não estaria ninguém em casa quando a senhoria passasse umas horas mais tarde. O senhor Robertson concordou e Robert devolveu-lhe um dos meios soberanos, além do livro de rendas da família. Robert explicou-lhe que ia com Nattie ver o jogo de críquete ao Lord's, no norte de Londres. O senhor Robertson perguntou se a mãe não os iria acompanhar.

«Não», respondeu Robert. «Recebemos ontem à noite, já muito tarde, um telegrama de Liverpool e ela vai para lá. Morreu-nos um tio rico em África e a tiazinha quer ver a mãe.» Emily Coombes viajava de vez em quando até ao noroeste da Inglaterra para visitar a irmã mais velha e abastada e a mãe.

O senhor Robertson perguntou se ela já tinha ido.

«Não», respondeu Robert. «Vai assim que puder. Teve um desfalecimento.» (Ou «Teve uma crise» — quando lhe pediram para recordar a conversa, o senhor Robertson não foi capaz de ter a certeza.)

«E há quanto tempo foi isso?», perguntou o senhor Robertson.

Robert tirou um relógio de ouro do bolso e consultou-o. «Há cerca de hora e meia», afirmou.

O senhor Robertson perguntou quem se encontrava com a mãe. Robert apontou bruscamente o polegar para trás, na direção da casa.

«A senhora...»

«A senhora England?», arriscou o senhor Robertson. Amelia England era a vizinha que vivia do outro lado da casa da família Coombes e amiga íntima de Emily Coombes.

«Não», respondeu Robert. Não se explicou mais, mas acrescentou: «Talvez a mãe vá falar com a senhora Robertson antes de se ir embora.»

Os rapazes partiram para o Lord's.

Robert e Nattie estavam entre as mais de 12 000 pessoas que, nessa manhã, viajaram até St. John's Wood para assistir ao jogo Cavaleiros vs. Jogadores, o desafio da temporada no mais famoso recinto de críquete da Inglaterra. As ruas nas proximidades do Lord's possuíam relvados e moradias de ambos os lados e, no dia de um jogo grande, encontravam-se repletas de gente, os homens com cartolas,

chapéus de coco, boinas ou chapéus de palha, e as poucas mulheres, com vestidos de saias rodadas e decotes subidos, os chapéus empoleirados no cabelo preso com ganchos e as sombrinhas inclinadas para o sol. Um punhado de polícias, com capacetes abobadados e casacos compridos e escuros, movimentavam-se no meio da multidão<sup>3</sup>.

A grande atração desse dia era o lendário jogador de críquete W. G. Grace, que, aos quarenta e seis anos, estava a registar um espantoso renascimento. Tinha acabado de se tornar o primeiro jogador da história a conseguir um milhar de *runs* no primeiro mês da temporada e era, segundo o *Illustrated London News*, o homem mais popular das Ilhas Britânicas. Iria desempenhar as funções de batedor na equipa dos Cavalheiros, formada por homens de boas famílias que jogavam por prazer e não por dinheiro. Os adversários, os Jogadores, eram praticantes profissionais de críquete, a maioria da classe operária. Em teoria, o encontro opunha quem era pago para jogar a quem não era, embora se soubesse que muitos dos Cavalheiros lucravam bastante com digressões, ofertas e homenagens. Grace era o principal «amador-impostor» do críquete.

Robert e Nattie pagaram alguns dinheiros cada para poderem entrar no recinto e dirigiram-se para as bancadas de baixo, isoladas por cordas, de cada lado do campo. Os espectadores mais ricos instalaram-se no pavilhão com várias filas reservado aos membros do Marylebone Cricket Club.

Estava um dia limpo e quente, temperado por suaves brisas. Logo a seguir ao meio-dia, a campainha tocou e os Cavalheiros saíram do pavilhão vestidos de branco e ocuparam os seus lugares como defesas na enorme extensão de relvado. O primeiro par de batedores dos Jogadores emergiu do balneário, mais pobre, da equipa por uma entrada lateral junto às bancadas, que se encontravam parcialmente cobertas por um toldo branco, com uma faixa de árvores logo atrás.

Os Jogadores tinham ganhado ao ser lançada a moeda ao ar e escolheram atacar. Contavam marcar bastantes pontos num campo endurecido por três meses de seca, mas o *wicket* revelou-se muito mais volátil do que o esperado e os batedores exibiram-se a um nível decepcionante. Às dezasseis e quarenta, terminaram com uma pontuação de 231.

Vinte minutos mais tarde, W. G. Grace e Andrew Stoddart deram início aos turnos dos Cavalheiros. Grace entrou pesadamente no

terreno, vestido de branco, barbudo e com um minúsculo boné vermelho e amarelo na cabeça grande. Já tinham passado praticamente trinta anos desde o dia em que participara pela primeira vez num desafio entre Cavalheiros e Jogadores, no Lord's. O seu parceiro, Stoddy, era outro herói do críquete: batedor elegante e enérgico, com um bigode magnífico, tinha conduzido a equipa inglesa à vitória no último torneio ao mais alto nível, na Austrália, e fora homenageado com uma estátua de cera no museu Madame Tussaud da Baker Street.

Apesar do desempenho excelente dos lançadores dos Jogadores, Grace e Stoddart continuavam em jogo passadas duas horas, tendo obtido em conjunto 137 *runs*. Os *stumps* foram retirados às 19h00. Os dois batedores prosseguiriam o turno no dia seguinte.

Os dois rapazes saíram de St. John's Wood ao anoitecer e regressaram a West Ham quando já era noite. Por volta das vinte e uma horas, Robert foi ter com o senhor Robertson. Bateu à porta do número 37 enquanto Nattie ficava à espera do lado de fora da cancela.

«Vim buscar o troco», anunciou Robert. «Está tudo bem com a casa?»

«Confio que sim», respondeu o senhor Robertson. «Não vi nada.» Entregou a Robert o livro de rendas e 3 xelins de troco — a renda de cada casa na Cave Road custava 7 xelins por semana, mais ou menos o preço médio para a zona<sup>4</sup>, mas quantia que apenas asseguraria um quarto espaçoso no centro de Londres.

Já dentro de casa, os rapazes não subiram para os quartos. Preferiram deitar-se na sala de estar das traseiras — Robert ficou no sofá e Nattie, na poltrona. Adormeceram vestidos.

Na manhã seguinte, Robert e Nattie saíram outra vez para o Lord's. Amelia England, a amiga da mãe, que vivia no número 33, viu-os na rua e perguntou-lhes onde iam. Robert respondeu que iam visitar uma tia em St. John's Wood. Acrescentou que a mãe estava fora da cidade, mas que tinha acabado de receber uma carta dela, em que lhes enviava algum dinheiro. «O mais provável é já estar em casa amanhã ao final da tarde», disse.

Nessa terça-feira, a multidão no Lord's era ainda maior e o tempo estava tão bom como na véspera. Durante meia hora, antes do reinício

do encontro, os adeptos saíram em catadupa dos comboios, carruagens e carros puxados por cavalos.

Os Cavalheiros retomaram os turnos às onze e trinta. No lapso de quinze minutos, Stoddart saiu de jogo com 71 pontos, mas Grace continuou. Ao aproximar-se da centena, o público começou a ficar mais entusiasmado e, ao atingir os 100 pontos, ouviu-se uma explosão de aplausos dos espectadores e dos jogadores. Era a sétima vez, nessa temporada, que Grace atingia uma centena de pontos num jogo importante. A proeza alcançada nessa manhã foi ainda maior tendo em conta a qualidade excepcional demonstrada pelos lançadores.

Às treze e quarenta, o turno de Grace terminou com uma bola apanhada no ar junto ao *wicket*. Por altura da interrupção para o almoço, às duas da tarde, oito dos colegas de equipa também já tinham sido eliminados e, apesar dos 100 pontos marcados por Grace, os Cavalheiros tinham apenas 252 *runs* contra nove *wickets* derrubados.

Os irmãos Coombes tinham trazido mantimentos para o desafio. Comeram o almoço à sombra de um barracão no recinto.

Depois de o jogo ser retomado a seguir ao almoço, os Cavalheiros terminaram o turno passados dez minutos, tendo marcado somente mais sete *runs*. Os Jogadores começaram um segundo turno e, quando os *stumps* foram retirados, às dezanove horas, tinham marcado 269 *runs* e perdido apenas seis *wickets*. Estavam bem à frente.

Robert e Nattie voltaram para East London, mas em vez de seguirem diretamente para casa, dirigiram-se para o novo Theatre Royal de Stratford, a pouco mais de três quilómetros para noroeste da Cave Road. A peça a que assistiram ao final da tarde, *Light Ahead*<sup>5</sup>, contava a história de um homem incriminado por homicídio por um funcionário dos estaleiros tornado falsificador, bígamo e assassino. O jornal de teatro *The Era* comentou que a peça agradaria à «plateia e galeria», um público de classe operária como o que se encontrava em Stratford, mas declarou-a «uma obra desgarrada e desigual» que «vai avançando durante uma considerável quantidade de tempo sem qualquer ideia do rumo a tomar ou da forma como deve terminar». Os destaques da produção eram um barco salva-vidas construído para o efeito, içado para o palco para o final, uma heroína «cativante e feminina» e um vilão audacioso, cuja malevolência jubilante despertou a admiração até do crítico do *Era*.

Era na sala de estar das traseiras do número 35 da Cave Road, onde Robert e Nattie dormiram novamente nessa noite, que Robert guardava a coleção de *penny dreadfuls* — ou *penny bloods*. Eram aventuras melodramáticas na mesma linha de *Light Ahead*, publicadas semanalmente sob a forma de revistas. Decorriam pelo mundo inteiro: no mar alto, nas ruas pejadas de crime de Londres ou de Nova Iorque, nas selvas de África, nas planícies do Faroeste e nas ilhas do Extremo Oriente. Algumas decorriam num futuro fantástico de diligências elétricas e máquinas voadoras e outras num passado encharcado em sangue de cruzados nobres e cavaleiros atormentados.

Uma das aquisições mais recentes de Robert tinha sido *Jack Wright and the Fortune Hunters of the Red Sea*<sup>6</sup>, parte de uma série americana vagamente inspirada nos romances de Júlio Verne. Jack é um inventor órfão — «um rapaz de aspeto másculo», com uma «ótima figura atlética» — que viaja pelo globo em embarcações engenhosas por ele construídas, combatendo malfeitores e procurando tesouros. Na sua aventura no mar Vermelho, publicada na primeira semana de julho, Jack atravessa o Atlântico, da América até África. O seu submarino, o *Meteor*, é um pequeno invólucro de vidro laminado e aço, com as cabinas compactas repletas de luz prateada, instrumentos a piscar e alavancas, cabos e eletroímãs a reluzir. Após muitos perigos e façanhas heroicas — temporais e tempestades de areia, o salvamento de uma donzela prestes a afogar-se, lutas com caçadores de pérolas árabes e ladrões de bancos americanos —, Jack atinge o objetivo: um tesouro escondido no fundo do mar Vermelho, guardado por um lagarto alado com seis metros de comprimento. Para derrotar o dragão e apoderar-se das riquezas, Jack veste um fato submarino e mergulha num mar cor de sangue, em direção à gruta da criatura. Uma vez lá dentro, um recife de coral tapa a entrada. «Estava sepultado vivo!»

O lagarto gigante ataca Jack e crava a fila dupla de dentes curvos e pretos na carne do rapaz. Jack solta-se, aponta a pistola e dispara, mas a criatura limita-se a recuar ligeiramente. «A fera pairava lá no alto, por cima da cabeça dele, quase a tocar no teto, contorcendo o corpo longo e esguio como se fosse uma serpente e fitando-o ferozmente com uns olhos gigantescos e coléricos.» Volta a atirar-se a ele, «com a enorme boca vermelha aberta».

«Se me apanhar», pensa Jack, «não tenho dúvidas de que me irá desfazer, levada como está ao limite da fúria.» Quando a criatura avança e enrola o corpo no dele, Jack deixa cair a pistola e saca de um punhal. «Enfiando-o na cabeça da fera, enterrou o punhal por completo e um estremecimento convulsivo de dor pareceu percorrer o animal, que tomou no chão.» O monstro larga Jack durante a queda. Ao ver o «objeto repugnante» morto e estendido diante dele, o rapaz solta um suspiro de alívio e levanta-se. «Cruel, selvagem, maldosal!», murmura. «Nunca tinha encontrado uma fera tão destemida e sanguinária.» Os rubis e as safiras no leito do mar estão agora à sua disposição. Jack recolhe-os e escava em direção à liberdade, escapando da gruta.

Na quarta-feira, outro dia abrasador, Robert pegou numa chave que se encontrava em cima do relógio na prateleira sobre a lareira da sala de estar das traseiras e subiu ao primeiro andar com o irmão. Destrancou a porta do quarto da mãe, na parte da frente da casa, e os dois rapazes entraram para abrir as persianas, que estavam corridas desde domingo à noite.

Os rapazes estavam a ficar sem fundos e nenhum tinha emprego. Nattie andava a fazer gazeta e não ia à escola na Cave Road, um edifício monstruoso de três andares para 1570 alunos construído em frente à casa deles, no verão anterior. Robert tinha deixado a escola em maio, depois de completar o oitavo e último ano de educação subsidiada pelo Estado. A seguir, encontrara trabalho num estaleiro junto às docas, mas tinha-se despedido passado quinze dias. Os irmãos resolveram então, naquele momento, ir até às docas procurar um homem chamado John Fox, que, uns anos antes, tinha sido assistente de camareiro ao serviço do pai. Fox fazia dos navios ancorados a sua casa: dormia nas cozinhas e fazia recados para os oficiais e para a tripulação. Robert pensou que ele talvez os pudesse ajudar a arranjar algum dinheiro.

As diligências em carris<sup>7</sup> e os carros puxados por cavalos que iam até à entrada para a doca mais próxima seguiam para sudoeste, atravessando a Barking Road, a via ao final da rua de Robert e Nattie. Era um percurso pejado de comércio<sup>8</sup>: merceeiros, talhantes, vendedores de peixe frito, alfaiates, chapeleiros, correios, um vendedor de bicicletas,



uma loja náutica, um queijeiro, farmacêuticos, carvoeiros, pasteleiros, padeiros. A igreja que se encontrava mais perto ficava logo a seguir à tabacaria do número 500 da Barking Road, o médico de família dos Coombes, no número 480, e a esquadra da polícia, no número 386. O número 110 era um novo auditório público<sup>9</sup> e biblioteca gratuita, que, em fevereiro, se tornara o primeiro edifício de West Ham dotado de eletricidade.

Tendo já percorrido dois quilómetros e meio da Barking Road, os rapazes passaram pelas ruelas apinhadas de gente de Canning Town, um bairro mais negro e desesperado do que o deles. Todas as manhãs, os trabalhadores ocasionais dessas casas periclitantes comprimiam-se contra os portões das docas, ávidos de trabalho. Ao longo das duas décadas anteriores, as docas, fábricas e caminhos de ferro tinham atraído grande número de pessoas para West Ham, fazendo a população aumentar de 12 000, em 1870, para perto de 200 000, por volta de 1895<sup>10</sup>. A «Londres para lá da Fronteira»<sup>11</sup>, como era conhecida, constituía o centro industrial do Império e uma nova metrópole dos pobres. Era ao mesmo tempo a cidade e a sombra desta, o seu ponto mais distante e sujo.

As ruas à beira do Tamisa abundavam de trabalhadores britânicos e irlandeses, além de marinheiros de todo o mundo — malaaios, lascarins, suecos, chineses<sup>12</sup>. «No país, não existe porto de mar», afirmou o romancista Walter Besant, «que se encontre tão impregnado da atmosfera do oceano e da sugestão de coisas longínquas.»<sup>13</sup> O barulho era tremendo: o estrépito dos comboios e elétricos, os disparos das sirenes dos navios, o arrastar das correntes, o gemido dos guindastes, o ribombar e o estrondo das máquinas da Thames Ironworks Shipbuilding Company, onde Robert trabalhara fugazmente em junho.

Robert e Nattie entraram na Royal Victoria Dock por um portão gigantesco junto às gruas hidráulicas para o transporte de carvão. Por norma, John Fox estaria numa das embarcações da National Line, a companhia para a qual o pai dos rapazes trabalhava, por isso Robert e Nattie dirigiram-se em primeiro lugar ao navio a vapor *Spain* da National. O navio tresandava a carne, urina e excrementos de animal, já que a atividade principal das embarcações da National Line consistia no transporte de gado vivo entre Nova Iorque e Londres. Robert perguntou a um oficial do *Spain* se Fox se encontrava a bordo.

«Não sei», retorquiu Charles Pearson, o oficial-chefe do navio a vapor *Queen* da National. «Vai lá dentro procurá-lo. És filho de quem?»

Robert respondeu que era filho do senhor Coombes. Pearson conhecia o Robert Coombes mais velho, por ter navegado com ele no SS *Holland*, que partia de Liverpool. Perguntou a Robert quem queria falar com Fox.

«O homem que está ao portão», retorquiu Robert.

Pearson voltou-se para Nattie. «Calculo que também sejas filho do senhor Coombes, não?» Nattie disse que era.

Os irmãos foram à popa procurar Fox. Como não o conseguiram descobrir, decidiram experimentar o SS *America*, a única outra embarcação da National Line que se encontrava, à altura, atracada em Londres.

O *America* estava na Royal Albert Dock, que ficava logo a seguir à Royal Victoria, para leste, mas a dimensão das docas era tal que os rapazes demoraram mais de duas horas para calcorrear uma e depois a outra, passando pelos barracões de metal, os armazéns de aroma intenso a tabaco, as gruas esqueléticas e os estivadores que carregavam e descarregavam a mercadoria. O rio que os ia acompanhando estava baixo e com pouca corrente<sup>14</sup>, reluzindo com o sol.

Muitas indústrias nocivas que tinham sido proibidas no centro de Londres tinham-se estabelecido naquela parte do Tamisa, com uma bruma de fumo e poeira de carvão a pairar sobre as docas. O cheiro desagradável a urina das fábricas de fósforos da Bryant & May misturava-se com o caramelo bolorento das refinarias de açúcar da Tate e da Lyle, com os odores de carcaças de vaca a apodrecer da fábrica de sabão da John Knight, de laranjas e morangos a ferver em lume brando nas fábricas de doces e compotas da James Keiller, dos ossos e entranhas a cozer nas fábricas de fertilizante químico da Odam, das fezes de aves da Guano Works e com os acres e penetrantes vapores químicos das fábricas que produziam borracha, soda cáustica, ácido sulfúrico, fios telegráficos, tinturas, creosote, desinfetantes, cabos, explosivos, venenos e vernizes. Há já várias semanas que não caía chuva para lavar o ar<sup>15</sup>.

Os rapazes também não conseguiram encontrar Fox no *America*, pelo que regressaram à Victoria Dock para voltar a tentar o *Spain*. Dessa vez, Nattie esperou do lado de fora do portão, ao passo que Robert se aproximou do polícia que estava de serviço na doca.

«Quero ir ao navio a vapor da National Line que está já ali atracado falar com o John Fox», disse Robert a William Gradley. «Vim de Plaistow para lhe dar uma mensagem importante.»

Gradley deixou-o passar.

«Não me vou demorar», afirmou Robert.

Por fim, acabou por encontrar Fox a bordo do *Spain*. Um homem pequeno, de quarenta e cinco anos, com um bigode fino e barba rebelde, Fox trazia um fato escuro puído e um boné de marinheiro com pala. Robert pediu-lhe para ficar com eles na Cave Road: a mãe tinha ido subitamente a Liverpool visitar a família, explicou, tendo especificado que queria que Fox tomasse conta dos rapazes e da casa. Robert disse a Fox que quando Emily Coombes regressasse lhe pagaria meia coroa por cada dia passado na Cave Road — meia coroa correspondia a 2 xelins e 6 dinheiros (um oitavo de 1 libra), remuneração diária razoável para trabalho não qualificado. Fox concordou. Atravessaram os dois a ponte, para saírem das docas.

«Boa noite, Bradley!», gritou Fox a Gradley ao passarem pelo portão da doca; apesar de conhecer o polícia há seis anos, Fox ainda não tinha aprendido o seu nome.

Foram ter com Nattie e seguiram para Plaistow.

Na sala de estar das traseiras do número 35 da Cave Road, Robert enfiou a mão por trás da porta e tirou de lá um fato de *tweed* cinzento-escuro do pai.

«Aqui tens, John», disse. «Aqui tens umas calças do pai. São para ti, não lhe servem.»

Fox foi para a cozinha, por trás da sala, vestir o fato. Deixou a roupa velha em cima de um banco ao lado da caldeira de cobre que aquecia a água da casa.

Robert informou Fox de que a mãe lhes tinha sugerido que pusessem os relógios da família no prego para juntar algum dinheiro até ela voltar. Perguntou se Fox o faria por eles — os penhoristas não aceitavam objetos empenhados por crianças.

«Vou ver se consigo», respondeu Fox.

Os rapazes entregaram-lhe os relógios — o de Robert, de ouro,

e o de Nattie, de prata — e foram os três para Limehouse. Fizeram cinco quilómetros para oeste, atravessando a ponte de ferro sobre as águas negras do riacho Bow, a foz do rio Lea e o repositório dos esgotos não tratados de West Ham.

Limehouse era um bairro na parte antiga de East London, do lado do Tamisa, frequentado por marinheiros. Robert e Nattie tinham lá vivido até aos nove e oito anos, mais recentemente numa casa grande, na Three Colt Street, que fora dos avós. Nos últimos anos, o bairro tinha-se tornado ainda mais barulhento e sinistro. Era uma roda-viva de bordéis, *pubs*, lavandarias chinesas e antros de ópio.

John Fox visitou dois penhoristas, um para cada relógio<sup>16</sup>. Na loja de George Fish, na Commercial Road, os rapazes ficaram à espera lá fora enquanto Fox entrava para empenhar o relógio revestido a ouro e de fabrico americano. O gerente, William White, teve dificuldades com o fecho, mas assim que Fox lhe mostrou como se abria, propôs-lhe um empréstimo de 10 xelins pelo relógio. Emitiu uma cautela de penhor quadrada, com a descrição do objeto empenhado, prendeu um duplicado ao relógio e introduziu no livro-mestre o nome e a morada indicados por Fox: Robert Coombes, 35 Cave Road. Não questionou a identidade de Fox — estávamos numa zona de passagem de Londres, onde quase todos os clientes eram forasteiros, e, de qualquer forma, era prática comum haver testas de ferro contratados para empenhar bens por conta de pessoas respeitáveis que não queriam divulgar as respetivas dificuldades financeiras. White deduziu o valor da cautela, meio dinheiro, ao empréstimo e entregou o remanescente a Fox. O relógio poderia ser recuperado devolvendo-se o dinheiro, com 25 por cento de juros, durante os três meses seguintes.

Umás portas à frente, na Ashbridge & Co., Fox tentou conseguir 12 xelins pelo relógio de prata, mas aceitou dez.

Fox entregou a Robert as cautelas e a receita obtida — pouco menos do que 20 xelins, ou seja, 1 libra.

«Vamos dividir já tudo pelos três», afirmou Robert.

Robert e Nattie tinham perdido o último dia do encontro entre Cavalheiros e Jogadores, no Lord's. Nos jornais vespertinos, vinham crónicas do desafio (os Jogadores tinham ganhado por escassos 32 *runs*), tal como os resultados das partidas mais recentes do décimo nono

campeonato de Wimbledon de ténis na relva e a notícia de que tinham sido definidas as datas para a votação nas eleições gerais. O muito pouco popular primeiro-ministro liberal, o conde de Rosebery, demitira-se em junho e o Parlamento fora conseqüentemente dissolvido. A votação para um novo governo efetuar-se-ia ao longo de três semanas, com início a 13 de julho. O dia 15 de julho, a segunda-feira seguinte, era a data estabelecida para a votação dos deputados por parte dos eleitores de West Ham South e West Ham North.

Quarta-feira, ao final da tarde, na Cave Road, Robert foi buscar um cobertor ao quarto nas traseiras do primeiro andar, e deitou-se com Fox e Nattie na sala de estar das traseiras. Fox estendeu-se no chão, tal como já tinha feito quando lá passara a noite.

Robert perguntou a Fox se sabia o caminho para a Índia. Fox respondeu que sim.

Nas histórias de Jack Wright, o jovem herói leva dois companheiros nas suas aventuras à volta do mundo: Fritz Schneider, um pequeno holandês, e Timothy Topstay, um velho marinheiro barbudo, com uma perna de pau e um olho de vidro, que gosta de mascar tabaco e serviu em navios mercantes ao lado do pai de Jack. John Fox, antigo camarada de navio do pai de Robert e Nattie, estava agora aninhado com os rapazes na sala de estar das traseiras tal como Tim Topstay se aninhava com Jack e Fritz na cabina vedada do submarino elétrico de Jack.